Arquidiocese de Goiânia
Muitos membros, um só corpo.

ENCONTRO semanal

SOMOSUM
Evangelizar é cuidar

Edição 368ª - 13 de junho de 2021 | www.arquidiocesedegoiania.org.br | Siga-nos

Capa: Ana Paula Mota

A Beleza do Matrimônio

pág. 5

PALAVRA DO ARCEBISPO

O amor que cultivamos deve ser reflexo do amor de Deus

pág. 2

VIDA CONSAGRADA

Conheça as Irmãs Dominicanas do Santo Rosário

pág. 4

VIDA CRISTÃ

Igreja no ambiente digital: presença que gera comunhão

pág. 7

AMOR VEM DE DEUS

DOM WASHINGTON CRUZ, CP
Arcebispo Metropolitano de Goiânia

“Deus nos amou primeiro”
(cf. *1Jo* 4,10-19)

São características do amor tomar a iniciativa, movimentar-se, dar de si, cobrir a pessoa amada de favores e de graças. Diz-se que o amor é difusivo, e Deus quer efundir a plenitude do amor que se encontra na vida trinitária, através da criação do universo. A ele nada faltava para ser feliz, possuía todo bem, de um modo superior a qualquer coisa que possamos imaginar (cf. *1Cor* 2,7-11). Por livre ato de sua vontade, Deus quis que suas criaturas participassem da sua alegria e da sua plenitude. Eis a criação, com suas maravilhas, seus segredos e suas leis; eis o homem, ser inteligente, criativo, livre e capaz de se desenvolver e de progredir, capaz de compreender e de amar. Dotado de razão, o homem sente necessidade de indagar sobre as causas do ser e de suas mudanças, dos fenômenos físicos e químicos, do mundo externo e interno. Eis a estrada para se chegar do efeito à causa, da criatura ao Criador, do homem a Deus (cf. *Sb* 13,1-9; *Rm* 1,20-23), a estrada para se reconhecer, no amor de Deus, o princípio primeiro de cada ser. Na criação resplandece o amor de Deus.

A revelação do amor de Deus foi gradual: Deus se adaptou à nossa humana natureza, procedendo, em sua manifestação, com um ritmo lento, mas muito interessante. O Antigo Testamento poderia ser chamado de história do amor de Deus para com o ser humano. “Israel é meu filho, o meu primogênito” (*Ex* 4,22). Deus se aproxima do homem, quer estabelecer com ele um diálogo, uma aliança; com delicadeza, ele compara o seu amor ao de um esposo; lamenta quando não é correspondido, mas está sempre pronto a perdoar.

O seu amor é de pura benevolência, isento de qualquer interesse e de egoísmo, um amor que doa, cria, se imola para o bem da pessoa amada. Assim também deve ser o nosso amor ao próximo; um amor “novo”, sem limites, que abraça a todos, que não se detém diante do mal, mas que se estende até aos inimigos, conforme o ensinamento do próprio Jesus: “Amai os vossos inimigos” (*Lc* 6,27). De forma que a caridade se transforma em experiência de conversão. O exercício da caridade é uma sábia e santa forma de evangelizar.

O amor não conhece fronteiras. O importante é amar como Deus ama. O mundo marcha indubitavelmente para a unidade ainda que com uma conotação fortemente tecnológica e econômica. A cada dia desabam barreiras que separaram, durante séculos, homens e culturas, nacionalidades e civilizações diferentes. Vai-se realizando, assim, o desígnio de Deus para os seus filhos, que é de paz, de amor e de fraternidade. Nesse processo gerador de unidade, o Senhor exige também a nossa participação. Devemos compreender e, sobretudo, viver melhor o preceito do amor fraterno, tanto entre nós da família arquidiocesana, quanto com as demais pessoas do mundo inteiro. Este é um dos mais bonitos testemunhos de Cristo Ressuscitado, porque “nisto todos reconhecerão que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns pelos outros” (*Jo* 13,35).

ENCONTRO semanal
Arcebispo de Goiânia: Dom Washington Cruz
Bispo Auxiliar: Dom Levi Bonatto
Coordenadora de Comunicação: Talita Salgado (MTB 2162 GO)
Consultor Teológico: Pe. Warlen Maxwell
Jornalista Responsável: Fúlvio Costa (MTB 8674/DF)
Redação: Fúlvio Costa / Marcos Paulo Mota
Suzany Marques
Revisão: Camila Di Assis / Larissa Costa
Diagramação: Ana Paula Mota
Fotografias: Rudger Remígio e colaboradores
Contatos: encontrosemanal@gmail.com
Fone: (62) 3229-2683/2673
Arquidiocese de Goiânia
Muitos membros, um só corpo
FUNDAÇÃO AROEIRA
LOGÍSTICA E DISTRIBUIÇÃO

Editorial

Todos os meses, o papa Francisco dedica uma intenção de oração à sua Rede Mundial de Oração (Apostolado da Oração), sempre intercalando entre uma intenção universal e uma intenção pela evangelização. As temáticas universais apelam para os temas mais urgentes e importantes da humanidade. Já, as temáticas pela evangelização, estão centradas na vida da Igreja e de sua missão evangelizadora. Neste mês de junho, Francisco propõe a intenção pela beleza do matrimônio. A matéria de capa reflete justamente sobre isso. Entrevistados, três casais, um experiente, um recém-casado e um casal de noivos falaram sobre a beleza que veem no Sacramento do Matrimônio. Enquanto um relata os desafios e belezas das longas estradas já percorridas, o outro casal fala sobre como a Igreja e a oração os ajudam neste caminho escolhido e o terceiro, por sua vez, sonha e busca cultivar um amor frutuoso quando se casar. Nesta edição trazemos a cobertura da Festa de *Corpus Christi*, celebrada no dia 3 de junho, pelo nosso arcebispo Dom Washington Cruz, na Catedral. Há ainda, na seção *Arquidiocese em Movimento*, uma matéria especial sobre os santos juninos. Em *Vida Cristã*, apresentamos um artigo sobre comunicação, que reflete acerca da presença da Igreja nas “estradas digitais”. A importância de estar neste caminho só se justifica se ela provoca a comunhão, o encontro, conforme o articulista.

Boa leitura!

História da Igreja em Goiás

A chegada das Irmãs Filhas da Caridade (Vicentinas) em Goiânia – 1942

PE. MAXIMILIANO COSTA
Mestre em História

Com o início do funcionamento da Santa Casa de Misericórdia de Goiânia, couberam às Irmãs Agostinianas, a missão de dirigir o novo hospital. Elas iniciaram os trabalhos em 1937, coordenadas pelas irmãs Isidora Rodriguez, Maria Valvanera, Maria Angela de Araújo e Esperança Garrido. As irmãs ficaram até o ano de 1942, quando deixaram a direção da Santa Casa.

Diante disso, Dom Emanuel Gomes de Oliveira recorreu às Irmãs Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo (Vicentinas), que estavam no Rio de Janeiro e tinham uma Escola de Enfermeiras. Enviou seu pedido à irmã Marie Antoinete Blanchot, superiora provincial, de quem recebeu o parecer positivo. Em dois de outubro de 1942, chegou a Goiânia um grupo de seis irmãs, sendo elas, Lídia de Paiva Luna, Cecília Fernandes, Inês Laje, Jeane Sabóia, Josefa Dias Lima (Ir. Luiza) e Juleita Morgantte (Ir. Vicência)[1]. Com a chegada das irmãs, elas assumiram a direção da Santa Casa e concretizaram o projeto que Dom Emanuel e a conferência dos vicentinos tinham estabelecido em 1941, a criação de uma Escola de Enfermagem católica em Goiânia, que se deu em 10 de outubro de 1942.

O desejo de Dom Emanuel em trazer as Filhas da Caridade para a Santa Casa de Misericórdia, em primeiro lugar, manifestava a presença e a atuação da Igreja de maneira evidente frente à sociedade e ao governo num contexto de laicização, como foi o da criação da nova capital e da mentalidade secularizada de Pedro Ludovico. A Igreja sentiu a necessidade de ocupar lugares importantes na sociedade civil, como, por exemplo, através da administração da Santa Casa, e a presença das irmãs resguardaria isso – até mesmo porque, naquele momento, o estado não tinha pessoas qualificadas para tal função, cabendo à Igreja responder a essa demanda e garantir o seu espaço.

As Filhas da Caridade já tinham uma forte atuação nesta área, pois estavam à frente da Escola de Enfermagem Luiza de Marillac, no Rio de Janeiro. A congregação religiosa investiu na formação de suas irmãs, principalmente no campo da enfermagem, que as qualificaram para tal função. Isso respondia ao carisma da congregação, que tinha a finalidade de cuidar dos pobres, doentes e desvalidos.

1 Relato de Josefa Dias Lima (Ir. Luiza). *Missão das Filhas da Caridade em Goiás*. Arquivo do Instituto de Pesquisa e Estudos Históricos do Brasil Central. p. 6.

Junho: mês dos santos

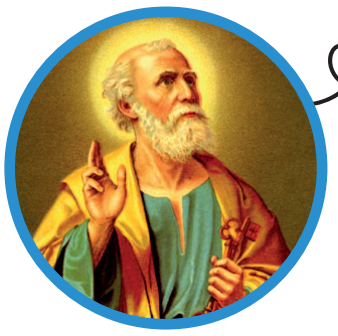
ANTÔNIO, JOÃO BATISTA, PEDRO E PAULO

MARCOS PAULO MOTA

É tradição no mês de junho, a realização das festas juninas em várias paróquias da Arquidiocese, com quadrilhas e a tradicional quermesse que, além de ajudar na parte financeira das paróquias, proporciona a confraternização da comunidade. Por causa da pandemia da covid-19, pelo segundo ano seguido as paróquias estão se reinventando, fazendo a festa no modelo *drive thru*. É, neste mês também, que celebramos quatro santos bastante conhecidos.

{24/6} São João Batista

Era primo de Jesus, filho de Zacarias e de Isabel, prima de Nossa Senhora. É o único santo, cujo nascimento no dia 24 de junho e martírio no dia 29 de agosto, são comemorados como solenidade pela Igreja.



{29/6} São Pedro e São Paulo

Estes santos são considerados os "cabeças dos apóstolos" por terem sido os principais líderes da Igreja Cristã Primitiva, tanto por sua fé e pregação, como pelo ardor e zelo missionários.

São Pedro, que tinha como primeiro nome Simão, era pescador. Foi chamado por Jesus e, deixando tudo, seguiu o mestre. Ele esteve presente nos momentos mais importantes da vida do Senhor, que lhe deu o nome de Pedro. A princípio, fraco na fé, chegou a negar Jesus durante o processo que culminaria em sua morte por crucifixão.

São Paulo, cujo nome antes da conversão era Saulo, converteu-se à fé cristã no caminho de Damasco, quando o próprio Senhor Ressuscitado lhe apareceu e o chamou para o apostolado. Recebeu o batismo do Espírito Santo e preparou-se para o ministério. Tornou-se um grande missionário e doutrinador, fundando muitas comunidades.

{13/6} Santo Antônio

Batizado como Fernando Antônio de Bulhões, nasceu no dia 15 de agosto de 1195, na cidade de Lisboa, em Portugal. Aos 19 anos, ingressou, contra a vontade de seu pai, no Mosteiro de São Vicente dos Cônegos Regulares de Santo Agostinho, onde teve uma vasta biblioteca para incentivar seus estudos, dos quais gostava tanto. Santo Antônio se tornou sacerdote graças ao seu amplo conhecimento e seu poder de oração.

"*Corpus Christi*

é a festa da Eucaristia por excelência", afirma Dom Washington Cruz

FÚLVIO COSTA

O arcebispo metropolitano de Goiânia, Dom Washington Cruz, presidiu no fim da tarde de quinta-feira, 3 de junho, na Catedral Metropolitana de Goiânia, a Festa do Santíssimo Corpo e Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo. Concelebrou com ele, o cura da Catedral, padre Carlos Gomes.

Em sua homilia, Dom Washington afirmou que "a solenidade de hoje não é uma festa devocional, mas é a confissão da nossa fé viva". Neste dia, conforme o arcebispo, há motivos de sobra para dar graças a Deus pelo dom da Eucaristia. Ele destacou que Deus assumiu o corpo humano em Jesus e que o Filho está no meio de nós sob as formas de pão e de vinho. "Não o vemos, mas acreditamos. O pão é o alimento básico e fundamental da nossa vida espiritual e o vinho é o símbolo da alegria, da festa do banquete da aliança de Deus com os homens", pontuou. Dom Washington também se referiu à Festa de *Corpus Christi* como a celebração da Eucaristia por excelência e o motivo pelo qual devemos fazer caridade aos pobres, porque ela é o princípio vital da Igreja – corpo do Senhor. "Se não tivesse a caridade nada seria" (cf. 1 *Cor* 13,2). Citando o papa Francisco, ele concluiu: "a presença de Jesus vivo na Eucaristia é como uma porta aberta entre o templo e a estrada, entre a fé e a história, entre a cidade de Deus e a cidade do homem, do ser humano. Amém!".

Devido à pandemia do coronavírus, não foi possível fazer o translado do Santíssimo pelas ruas, manifestando assim a essência da Festa de *Corpus Christi*, como de costume, que é celebrar publicamente a nossa fé. Esse momento foi feito dentro da própria Catedral.

Fotos: Rudger Remígio

Congresso Eucarístico

À imprensa, Dom Washington reforçou, em entrevista, a importância da celebração de *Corpus Christi*. "A importância de hoje é o culto público, fora da Igreja. Pegamos o tesouro que temos na Igreja e levamos pelas praças, pelas ruas, para louvar, cantar, bendizer e mostrar aos crentes e não crentes que nós temos um Deus que caminha conosco", afirmou. A imprensa também voltou a perguntar sobre a renúncia de Dom Washington, após completar 75 anos de idade. "Quando o papa decidir, fizer as consultas aos bispos da região e fizer a sua avaliação e tomar a decisão, eu estou pronto desde o dia 26 de maio, mas eu continuarei arcebispo emérito na arquidiocese. Irei morar em uma paróquia na periferia junto às pessoas mais simples, celebrando nos fins de semana e durante a semana atendendo, confessando, ouvindo suas queixas, dores, sofrimentos e alegrias para poder de alguma forma consolá-las", completou. Por fim, o arcebispo lembrou que neste ano seria celebrado o Congresso Eucarístico. "Neste ano nós realizaríamos o Congresso Eucarístico Arquidiocesano. Assim eu ia encerrar a minha missão à frente da Arquidiocese de Goiânia, mas a gente faz aquilo que Deus quer: o homem propõe e Deus dispõe".

Dominicanas do Santo Rosário:

ENVIADAS EM MISSÃO PARA "PREGAR O EVANGELHO DO REINO: EDUCANDO, INSTRUINDO E CURANDO"

Fotos: Arquivo da Congregação

MARCOS PAULO MOTA

Padre Francisco Fiazza, fundador da Congregação das Irmãs Dominicanas do Santo Rosário, nasceu em Casolate. Ele era profundamente conhecedor dos problemas de seu tempo. De coração sensível, vivia a tragédia dentro de si, entre o desejo de agir e a falta de meios. Ansioso e preocupado em abrir um diálogo com a juventude, padre Francisco entendeu os "sinais dos tempos". Seu lema de ordenação era: "Caridade acima de tudo".

Seu espírito impregnado de contemplação, oração, ação, estudo sagrado, devoção a Maria e culto à Eucaristia foi motivado a orientar, no espírito dominicano, o novo Instituto religioso. Sonhava que sua fundação encarnasse o espírito contemplativo e apostólico de São Domingos, num forte amor à verdade, servindo aos irmãos e irmãs na Igreja de Cristo; na missão de educar e instruir a juventude, na colaboração pastoral paroquial e na cura dos enfermos.

O fundador, desde 1826, já pensava nos fundamentos de sua Obra, um colégio e convento para acolher as jovens. Por isso, o padre Francisco contou com a colaboração de seis professoras que se dispuseram a consagrar suas vidas a Deus, na dedicação e na formação da juventude local. Em 1828, conseguiu o Decreto de Filiação de sua futura Obra, a Ordem Dominicana. Padre Francisco faleceu em 8 de maio de 1829, mas a Obra vai em frente sob o olhar amoroso e diligente de sua irmã, Marianna Fiazza.

Quem são as Irmãs Dominicanas do Santo Rosário?

São chamadas, por vocação específica, a viver plenamente a consagração batismal, enviadas em missão para "pregar o Evangelho do Reino: educando, instruindo e curando"; têm um estilo de vida pobre, simples e familiar. Elas são unidas pelo vínculo da caridade, no seguimento de Jesus Mestre, segundo o espírito contemplativo e apostólico de São Domingos, num forte amor à verdade, culto à Eucaristia, muito estudo, devoção à Virgem do Rosário. Assim, dedicam-se, com alegria, à educação e à instrução da juventude pobre, à colaboração pastoral paroquial e à cura dos enfermos.

A exemplo de São Domingos, que falava com Deus e de Deus, as irmãs têm uma vida de oração que consiste na prática da *Lectio Divina* pessoal e comunitária; na Eucaristia, o centro de nossa vida; na oração pessoal, no retiro, na liturgia das horas e no culto à Virgem Maria, com a meditação dos mistérios do rosário. Elas procuram, ainda, vivenciar Deus nelas mesmas e nas pessoas. A vida das irmãs deve ser sinal do amor trinitário e da unidade da Igreja. Viver em comunidade significa não só estar juntas, mas viver juntas, para proclamar a todos: "Como é bom e agradável às irmãs viverem unidas" (*Sl* 133,1), disse a superiora provincial, irmã Maria de Fátima e Silva.

Presença do Brasil e no Mundo

O Brasil foi o primeiro país onde as irmãs expandiram seu campo de missão. Hoje, além da Itália, têm casa de missão em Cuba, na África e também na Bolívia.

As primeiras irmãs chegaram ao Brasil no dia 8 de agosto de 1952, impulsionadas pelo amor de Jesus Cristo, com grande ardor missionário, abrasadas pelo lema de ordenação sacerdotal do padre Francisco: "Caridade acima de tudo". Elas abriram as primeiras comunidades no estado de Goiás. Um ano depois, em 1953, já se apresentaram as primeiras vocações goianas para a congregação.

Presença na Arquidiocese

Quando as Irmãs Dominicanas do Santo Rosário chegaram à Arquidiocese de Goiânia, o arcebispo era Dom Fernando Gomes dos Santos, que as convidou com o objetivo de formar novas religiosas, bem como educar e instruir crianças pobres. Hoje, 17 irmãs estão presentes na Arquidiocese. Além da capital, elas moram em Inhumas e Trindade, trabalham na educação, colaboração pastoral paroquial e obra social.

A dimensão vocacional

Assim como na maioria das congregações femininas, a dimensão vocacional está em dificuldade. As irmãs fazem um trabalho de pastoral vocacional, mas quando chega o momento em que as jovens precisam fazer o discernimento, elas apresentam muitas dificuldades em responder ao chamado de Deus. A esperança é que, após a pandemia, as irmãs façam um trabalho presencial com as jovens, a fim de que essa situação possa melhorar. No momento, há algumas jovens vocacionadas fazendo o caminho de acompanhamento para o discernimento vocacional.

Informações
Sede Provincial

Superiora: Ir. Maria de Fátima e Silva
Endereço: Rua 2, nº 595 – St. Oeste – 74110-130 – Goiânia
Tel: (62) 3911-2605
E-mail: dominicanamelegnano@bol.com.br vicariatorosario@outlook.com

Superiora: Ir. Tomasina Sardinha Vieira
Endereço: Rua Sizelísio Simões de Lima, nº 12 – Centro
75400-000 – Inhumas
Tel: (62) 3514-1569
E-mail: educandariorosario@bol.com.br

Superiora: Ir. Cristina Rodrigues de Oliveira
Endereço: Rua Dr. Joaquim Teófilo Correia Viana, nº 433, Qd. 07, Lt. 26 – Setor Criméia Oeste – 74563-250 – Goiânia
Tel: (62) 3233-6407

Superiora: Ir. Maria Neides da Silva
Endereço: Rua CP – 03, Qd7, Lt. 27 – Jardim Primavera
74477-968 – Goiânia
Tel: (62) 3581-3892
E-mail: irmasdominicanasjdprimavera@hotmail.com

Superiora: Ir. Maria Helena de Carvalho
Endereço: Rua VMR, Qd. 31, Lt. 24 - Vila Mutirão I
74475-480 – Goiânia
Tel: (62) 3576 - 0875

Casa de Formação
Av. Piracanjuba, Qd. 150, Lt. 06 –Setor Maysa II
75380-417 – Trindade

Casamento e família: sonho que foi gerado no coração de Deus

SUZANY MARQUES

O papa Francisco dedicou a intenção de oração do mês de junho à beleza do matrimônio. No vídeo de divulgação sobre o tema, ele nos chama a rezar pelos jovens que vão se casar. "Rezemos pelos jovens que se preparam para o matrimônio com o apoio de uma comunidade cristã, para que cresçam no amor, com generosidade e fidelidade".

Segundo o papa, o casamento é uma vocação. Ele questiona: "Será verdade o que dizem, que os jovens não querem se casar, especialmente nesses tempos tão duros?" Respondendo a esta pergunta, o jovem casal de noivos Roniel Silva e Natanne Pinheiro, se prepara para receber o

Sacramento do Matrimônio. Juntos há quase nove anos, eles explicam sobre a decisão do "sim". "Deus sempre tem um propósito maior em nossas vidas, eu Natanne, sempre dizia 'se for da sua vontade Pai, assim será...' E dentro da Igreja víamos que esse era o caminho que queríamos seguir. Recebemos conselhos dos amigos e de várias pessoas que, com certeza, nos ajudaram muito a tomar a decisão".

A oração os ajuda a se manterem nos planos de Deus. "Sempre procuramos ir juntos à missa e, nas orações, estar sempre de mãos dadas, mas o nosso propósito é ter uma rotina de oração em casa quando nos casarmos. Já estamos até preparando o nosso oratório". E explicam: "é através da oração que sentimos todo o amor de Cristo por nós, já foram tantas bênçãos. Aconteceram inúmeras coisas, que poderíamos ter adiado nossa data de casamento, mas nós nos mantivemos firmes".

O papa Francisco alerta que o casamento "é uma decisão consciente para toda a vida, que exige uma preparação especifica", e pede, "por favor não se esqueçam disto: Deus tem um sonho para vós". Damon Rill Batista e Lorrane Nunes de Albuquerque estão casados há dois anos, e foi na casa de Deus que perceberam os planos do Senhor. "Nos conhecemos servindo no ministério de música da Igreja. Ele veio de Manaus e tinha chegado há pouco tempo e eu tinha acabado de entrar em um grupo da comunidade, na época. Servimos várias vezes juntos e tivemos uma amizade muito boa por um ano, até que percebemos que Deus queria mais de nós", explica ela.

De acordo com Lorrane, "a Igreja e a oração nos ajudaram na tomada de grandes decisões. Casar foi uma delas. Tudo que fazemos, buscamos entregar a Deus através da oração e sempre estamos buscando a direção espiritual do padre". O casal fala ainda que o casamento não é algo perfeito e explica como agem quando o conflito chega. "A oração é a nossa força. Com ela conseguimos vencer qualquer coisa e em qualquer âmbito de nossas vidas. É essencial, no casamento, que ambos tenham uma vida de oração individual e juntos, pois, só assim, reconhecendo o amor que Deus tem por nós, conseguimos amar o outro".

Viagem de toda vida

Mas, o que é necessário para um casamento ser longo e feliz? Seu Francisco e Dona Laurinda têm 58 anos de matrimônio. Se conheceram ainda pequenos, pois são primos. Mesmo com esse grau de parentesco, se viram poucas vezes na infância. Seu Francisco guarda na memória a primeira vez que viu Laurinda. "Era uma festa na casa dela, a gente ainda era criança. Nós estávamos com sono e minha mãe me colocou para deitar ao lado dela", relata.

Dona Laurinda diz que não se lembra disto e relata que Francisco já era rapaz quando ela o viu pela primeira vez. "Era um moço bonito", lembra.

Ainda jovens, se apaixonaram quando tinham pouco mais de 20 anos de idade. A mãe de Laurinda era contra o casamento. "A mãe não queria que eu casasse porque o Francisco ingeria bebida alcoólica e ela já tinha sofrido muito com meu pai por causa do alcoolismo". Seu Francisco rebate: "Ela não queria que a gente casasse porque eu era pobre", diz ele sorrindo. Porém, depois de muita insistência do rapaz, a sogra acabou cedendo. "O povo duvidava que eu ia casar com a 'Lô' (apelido carinhoso que seu Francisco se refere a esposa). O irmão dela até falou que, se a gente cassasse, ele ia se mudar para um fim de mundo. Eu disse para ele: pode fazer as malas então, porque o casamento já está marcado".

A força de vontade que fez seu Francisco lutar para se casar com Laurinda foi a mesma que ele levou por toda a vida. Após o matrimônio, ele sempre trabalhava para dar qualidade de vida para família. "Nós já moramos em mais de 20 cidades, o 'Bat' (apelido carinhoso que dona Laurinda se refere ao esposo) sempre mudava. Ele me falava que estávamos em busca de uma vida melhor. Quando ele falava que a gente ia para outro 'canto', eu só arrumava os meninos e ficava esperando", relata ela.

O matrimônio rendeu ao casal seis filhos biológicos e uma filha gerada no coração, a qual eles adotaram ainda pequena. Eles têm ainda dez netos e seis bisnetos. Indagados sobre qual a maior dificuldade que enfrentaram durante o casamento, os dois responderam que na vida deles quase não houve brigas ou discussões, que eles têm e tiveram uma vida muito feliz e frutuosa. Laurinda aponta como negativo no esposo apenas a bebida alcoólica, que ficou para trás há mais de 20 anos.

Ao serem perguntados sobre o segredo para se ter um matrimônio longo e feliz, o casal é enfático. "É preciso ter paciência". Seu Francisco ainda completa: "As pessoas hoje veem o casamento como algo descartável, mas não é assim. A gente tem que ter paciência com o outro". Dona Laurinda deixa uma mensagem para quem pensa em se casar. "A primeira lição é ter muita paciência, e ter bastante fé em Deus. Casamento não é fácil, mas precisa ser levado a sério", conclui ela.

Foto: Vatican Média

Jesus
modelo e alma de cada oração

Estimados irmãos e irmãs!

Os Evangelhos mostram-nos como a oração era fundamental na relação de Jesus com os seus discípulos. Isso já é evidente na escolha daqueles que mais tarde iriam ser os Apóstolos. Lucas coloca a eleição deles num exato contexto de oração, dizendo assim: "Naqueles dias, Jesus foi para o monte a fim de fazer oração, e passou a noite a orar a Deus. Quando nasceu o dia, convocou os discípulos e escolheu doze entre eles, aos quais deu o nome de apóstolos" (6, 12-13). Jesus escolhe-os depois de uma noite de oração. Parece que não há outro critério nesta escolha senão a oração, o diálogo de Jesus com o Pai. A julgar pela forma como esses homens se comportarão mais tarde, parece que a escolha não foi das melhores pois todos fugiram, deixaram-no sozinho antes da Paixão; mas é precisamente isso, sobretudo a presença de Judas, o futuro traidor, que mostra que esses nomes foram escritos no desígnio de Deus.

A oração a favor dos seus amigos reapresenta-se continuamente na vida de Jesus. Os Apóstolos, por vezes, tornam-se um motivo de preocupação para ele. Mas Jesus, assim como os recebeu do Pai, depois da oração, leva-os no seu coração, até com os seus erros, inclusive as suas quedas. Em tudo isso descobrimos como Jesus foi mestre e amigo, sempre pronto a esperar pacientemente a conversão do discípulo. O ponto mais alto desta espera paciente é a "tela" de amor que Jesus tece à volta de Pedro. Na Última Ceia ele diz-lhe: "Simão, Simão olha que Satanás vos reclamou para vos peneirar como o trigo. Mas, eu roguei por ti, a fim de que a tua fé não desfaleça. E tu, uma vez convertido, fortalece os teus irmãos" (*Lc* 22, 31-32). Impressiona, no tempo da tentação, saber que naquele momento o amor de Jesus não cessa " – mas padre, se estou em pecado mortal, existe o amor de Jesus? Sim; – E Jesus continua a rezar por mim? Sim; – Mas se pratiquei coisas más e muitos pecados, será que Jesus continua a me amar? Sim". O amor e a oração de Jesus por cada um de nós não cessam, aliás, tornam-se mais intensos e nós estamos no centro da sua oração! Devemos sempre recordar isto: Jesus está rezando por mim, está rezando agora perante o Pai e mostra-lhe as feridas que carregou consigo, para que o Pai possa ver o preço da nossa salvação, eis o amor que Ele nutre por nós. Mas, agora, cada um de nós pense: neste momento Jesus está rezando por mim? Sim. Esta é uma grande certeza que devemos ter.

A oração de Jesus apresenta-se pontualmente num momento crucial do seu caminho, o da verificação da fé dos discípulos. Ouçamos novamente o evangelista Lucas: "Um dia em que ele estava a orar a sós com os discípulos, perguntou-lhes: 'Quem dizem as multidões que eu sou?'. Responderam-lhe: 'João Batista; outros, Elias; outros, um dos antigos profetas ressuscitado'. Perguntou-lhes, então: 'E vós, quem dizeis que eu sou?' Pedro tomou a palavra e respondeu, em nome de todos: 'O Messias de Deus'. Ele proibiu-lhes, formalmente, de o dizerem fosse a quem fosse" (9, 18-21). As grandes mudanças da missão de Jesus são sempre precedidas de uma oração, mas não assim *en passant*, mas de oração intensa e prolongada. Há sempre naqueles momentos a oração. Esta verificação da fé parece ser uma meta, mas ao contrário, é um ponto de partida renovado para os discípulos, pois, a partir daí, é como se Jesus assumisse um novo tom na sua missão, falando-lhes abertamente da sua paixão, morte e ressurreição.

Nesta perspectiva, que instintivamente suscita repulsa, tanto nos discípulos como em nós que lemos o Evangelho, a oração é a única fonte de luz e força. É necessário rezar mais intensamente, cada vez que o caminho se torna íngreme.

E de fato, depois de anunciar aos discípulos o que o espera em Jerusalém, tem lugar o episódio da Transfiguração. "Levando consigo Pedro, Tiago e João, Jesus subiu ao monte para orar. Enquanto orava, modificou-se o aspecto do seu rosto e as vestes tornaram-se de brancura fulgurante. E dois homens conversavam com ele: Moisés e Elias que, aparecendo rodeados de glória, falavam da sua morte, que ia dar-se em Jerusalém" (*Lc* 9, 28-31), isto é, a Paixão. Portanto, esta manifestação antecipada da glória de Jesus teve lugar na oração, enquanto o Filho estava imerso em comunhão com o Pai e consentiu plenamente à sua vontade de amor, ao seu desígnio de salvação. E daquela oração sobressai uma palavra clara para os três discípulos envolvidos: "Este é o meu Filho amado; escutai-o!" (*Lc* 9, 35). Da oração vem o convite a ouvir Jesus, sempre da oração.

Deste rápido percurso através do Evangelho, deduzimos que Jesus não só quer que rezemos enquanto ele reza, mas assegura-nos que mesmo que as nossas tentativas de oração fossem completamente vãs e ineficazes, podemos sempre contar com a sua oração. Devemos estar conscientes: Jesus está orando por mim. Uma vez, um bom bispo disse-me que num momento muito mal da sua vida e de uma grande provação, em um momento de escuridão, ele, na Basílica, olhou para alto e viu esta frase escrita: "Eu, Pedro, rezarei por ti". E isso deu-lhe força e conforto. Acontece sempre, todas as vezes que cada um de nós sabe que Jesus reza por nós. Jesus reza por nós neste momento. Fazei este exercício de memória de repetir isso. Quando há alguma dificuldade, quando se está na órbita das distrações: Jesus está rezando por mim. Mas será verdade, padre? É verdade, disse-o ele mesmo. Não esqueçamos que o que sustenta cada um de nós na vida é a oração de Jesus por todos nós, com nome, sobrenome, perante o Pai, mostrando-lhe as feridas que são o preço da nossa salvação.

Mesmo que as nossas orações fossem apenas balbuciantes, se estivessem prejudicadas por uma fé vacilante, nunca devemos deixar de confiar nele. Eu não sei rezar, mas ele ora por mim. Sustentadas pela oração de Jesus, as nossas tímidas preces apoiam-se nas asas da águia e elevam-se ao céu. Não vos esqueçais: Jesus está rezando por mim. – Agora? Agora. No momento da provação, no momento do pecado, também naquele momento, Jesus com muito amor está orando por mim.

+ Franciscus

Audiência Geral
Pátio São Dâmaso - 2 de junho de 2021

Comunicar É A ARTE DA COMUNHÃO

MARCUS TULLIUS

Filósofo e publicitário. Coordenador geral da Pascom Brasil, membro do Grupo de Reflexão em Comunicação da CNBB e gerente de conteúdos da Tv Pai Eterno. Autor do livro Esperançar: a missão do agente da Pastoral da Comunicação, pela Editora Paulus.

A pandemia do coronavírus, além das questões de cuidado impostas à saúde, lançou à comunicação o desafio da sobrevivência. E o desafio foi ainda maior à Igreja: como evangelizar neste tempo? O cardeal José Tolentino Mendonça afirmou, em meados de 2020, que, com a pandemia, o futuro chegou de supetão. E foi de supetão que fomos lançados ao ambiente digital. Nossos ritos e nossa forma de ser Igreja foram pensados e construídos para o contato presencial e relacional e, abruptamente, tivemos que descortinar uma nova forma de presença.

Os princípios não envelhecem e o Evangelho, Boa Notícia por natureza, se atualiza na vida dos homens e mulheres de nosso tempo, seja na sua comunidade eclesial missionária, seja em sua igreja doméstica, seja na "igreja digital". Inclusive, esta presença digital já é mencionada pelo papa Francisco em mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais de 2014. Ele reflete que "não basta circular pelas 'estradas' digitais, isto é, simplesmente estar conectados: é necessário que a conexão seja acompanhada pelo encontro verdadeiro. Não podemos viver sozinhos, fechados em nós mesmos". O pontífice vai um pouco além e diz que estas estradas estão "congestionadas de humanidade, muitas vezes ferida: homens e mulheres que procuram uma salvação ou uma esperança." (Papa Francisco, 2014).

E o que fazer nestas estradas? Como gerar proximidade concreta neste ambiente abstrato? Ora, "comunicação é a arte da comunhão, do encontro". Está radicada no verbo *communicare,* que pode ser traduzido, num primeiro sentido, como "pôr em comum, repartir, dividir alguma coisa com alguém, partilhar". Daí gera "reunir, associar, misturar". E mais: "falar, conversar, comunicar"... e "comungar". Tantas

acepções para entender este princípio: "comunicação é comunhão!" Comunhão que vivemos no seio de nossa comunidade quando participamos da Eucaristia, quando nos reunimos com os membros de uma pastoral ou movimento, quando nos abrimos ao Espírito para deixar que ele aja em nós no ambiente digital.

A Igreja precisa de uma presença fecunda nos ambientes digitais. Não deve estar aí apenas para falar, mas, sobretudo, para escutar e oferecer respostas. Escutar a humanidade ferida e oferecer respostas de esperança. Vivemos no tempo do falatório em detrimento da escuta. Se olharmos para a Sagrada Escritura, entenderemos que a experiência vivida no Tabor (cf. *Mc* 9,2-10) foi a primazia da escuta. É o chamado aos comunicadores de hoje e a todos os que transitam nas estradas digitais: escutar, interagir, responder.

Desafio posto, cabe-nos ter consciência do discipulado e da missão, deixarmo-nos renovar pelo Espírito, reencantarmo-nos pela vida e pelo outro, redescobrirmos o valor da escuta e novas formas de presença.

Campanha arrecada itens de higiene bucal para Clínica Escola Vida

Uma iniciativa estudantil em prol dos pacientes atendidos na Clínica Escola Vida da PUC Goiás, campo de estágio dos estudantes da área da Saúde conveniado com o SUS, mobiliza os calouros do curso de Odontologia e toda a comunidade goianiense para uma ação solidária.

Devido à situação de vulnerabilidade da população atendida gratuitamente no local, os acadêmicos criaram, na última semana, a campanha Higiene e Saúde, que tem o objetivo de arrecadar itens de higiene bucal para a montagem de kits que são distribuídos aos pacientes.

A ideia surgiu quando os calouros do curso de Odontologia da instituição participaram de uma atividade de estágio na Clínica e, na ocasião, constataram que muitos pacientes não possuíam escovas dentais suficientes para todos os membros da família. Também foram detectados problemas de saúde, como cárie, doença periodontal e câncer de boca.

Coordenada pelo Centro Acadêmico Pierre Fauchard, a campanha tem caráter permanente e a ideia é ampliar o seu alcance, de forma a beneficiar outras famílias futuramente. Além da doação dos kits, os estudantes realizaram, recentemente, uma ação de promoção à saúde na Clínica Escola Vida para dar orientações aos pacientes sobre a importância da higiene bucal para prevenir diversas doenças.

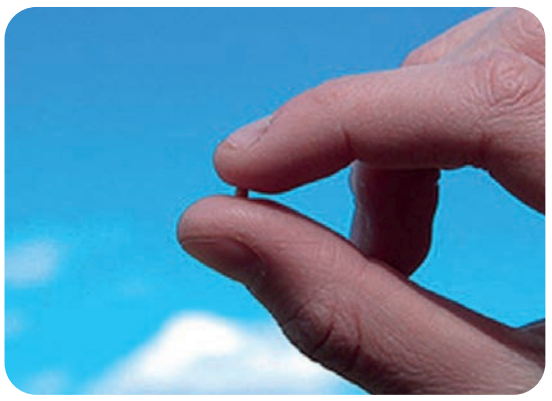
A campanha arrecada escovas, enxaguantes bucais, pasta e fio dental. Dois locais foram disponibilizados para coleta dos itens mencionados: a secretaria do curso de Odontologia, situada na Área 4 (acesso pela Praça Universitária) e o Laboratório Morfofuncional da Área 5 (próximo à Praça Botafogo). Para quem não pode sair de casa e fazer a entrega física na universidade, um PIX foi disponibilizado para doações em dinheiro. O número da chave é 629.845.84234.

PUC GOIÁS

noticias.pucgoias.edu.br

“O Reino de Deus” *(Mc 4,26)*

MAGNO VALIM MACENA (SEMINARISTA)
Seminário Interdiocesano São João Maria Vianney



Neste 11º Domingo do Tempo Comum, o Senhor nos apresenta duas parábolas para dizer sobre o Reino de Deus. Nas duas parábolas temos um ponto em comum: existe alguém que semeia, depois relata o crescimento, tanto das espigas, como do grão de mostarda.

Este semeador é o próprio Cristo, que passa e semeia em nossos corações sua palavra. Cabe a nós saber o modo como vamos deixar essa semente frutificar em nosso coração e em nossa vida.

Cristo não nos obriga a fazer essa palavra frutificar, mas para que isso aconteça é necessário sempre estar com o coração preparado para acolhê-la. O nosso coração deve ser aquela terra boa da “Parábola do Semeador” (cf. *Mc* 4,8). Mas, para isso, devemos ter abertura e receptividade para acolher a palavra. Só assim poderemos, com os frutos que produzimos, apresentá-los no Reino dos Céus. Já pensou como a palavra de Deus tem frutificado em sua vida?

Liturgia da Semana: **2ª-f.:** 2Cor 6,1-10; Sl 97(98); Mt 5,38-42. **3ª-f.:** 2Cor 8,1-9; Sl 145(146); Mt 5,43-48. **4ª-f.:** 2Cor 9,6-11; Sl 111(112); Mt 6,1-6.16-18. **5ª-f.:** 2Cor 11,1-11; Sl 110(111); Mt 6,7-15. **6ª-f.:** 2Cor 11,18.21b-30; Sl 33(34); Mt 6,19-23. **Sábado:** 2Cor 12,1-10; Sl 33(34); Mt 6,24-34. **Domingo:** *12º Domingo do Tempo Comum* – Jó 38,1.8-11; Sl 106(107); 2Cor 5,14-17; Mc 4,35-4.

Siga os passos para a leitura orante:

Texto para oração: *Mc* 4,26 -34 (páginas 1396 – Bíblia das Edições CNBB)

Passos para a leitura orante:

1. Preparação para oração: reserve um tempo longo para rezar sozinho, desligando o celular e tudo que possa desviar sua atenção deste momento. Crie um ambiente orante diante de si e faça sua oração inicial.

2. Leitura atenta da Palavra: leia com calma em voz baixa e depois em silêncio. Preste atenção em cada palavra do texto. Leia várias vezes, sempre com bastante atenção.

3. Meditação: perceba alguma palavra ou frase que parece falar mais forte ao seu coração. Repita ela várias vezes, sem se cansar. Deixe-a falar. Saboreie a palavra em seu coração, como um alimento em sua boca. Se essa palavra te lembrar de outras da Bíblia, deixe-as ecoar dentro de você.

4. Oração espontânea: não é hora de refletir. Agora é hora de elevar ao coração de Deus aquilo que a palavra meditada em seu coração trouxe para si. Fale com Deus, com a palavra que dele, você escutou. Ofereça a ele o sentimento causado pela palavra.

5. Contemplação: permaneça por um tempo com a palavra que Deus te disse, colocando fixos na palavra dele, os seus olhos do coração.